

DIA DO TRABALHADOR RURAL: Assinados contratos para construção de gasoduto que irá de Rio Grande, na Bolívia, até Porto Alegre

FH: 'Esse pessoal deve guardar sua raiva em casa'

Presidente toma gosto por metáforas com animais: depois de felinos, baleias, passarinhos e elefantes, fala de piranhas e jacarés

Cristiane Jungblut

Enviada especial

• CORUMBÁ (MS). Ao lado de dois possíveis adversários nas eleições de 1998, os ex-presidentes Itamar Franco e José Sarney (PMDB-AP), o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que "a população brasileira não gosta de desordem" e que aqueles que sempre protestam contra o Governo devem guardar sua raiva e sua bÍlis dentro de casa. Ao assinar ontem contratos para o início das obras do gasoduto Brasil-Bolívia, o presidente não pode deixar de falar das manifestações promovidas ontem pela CUT, pelo MST e por partidos de oposição em todo o país.

— Esse pessoal que é teimoso, que é do contra, deve guardar sua bÍlis, sua raiva, dentro de casa. A população não gosta de desordem. Manifestar-se em tranqüilidade é uma coisa. Quando o objetivo é só fazer desordem, isso atrapalha a democracia — disse.

FH reclama que oposição não reconhece feitos do Governo

Fernando Henrique afirmou que o Governo está fazendo muito, que o país voltou a crescer economicamente, e reclamou que os manifestantes nunca reconhecem isso. Ao chegar em Corumbá, pela manhã, havia uma manifestação de 500 pessoas diante do aeroporto, mas a comitiva saiu por um portão lateral. Mais tarde, diante do Corumbaense Futebol Clube, 50 manifestantes gritavam palavras-de-ordem contra o presidente, que, mais uma vez, mudou a rota e passou longe.

— Temos que fazer um apelo à população pela ordem. Isso não



FERNANDO HENRIQUE Cardoso desembarca no Aeroporto de Corumbá, entre os ex-presidentes da República Itamar Franco e José Sarney, seus convidados

quer dizer a inexistência de manifestações, mas eles querem se manifestar a favor do quê? Só contra? Por que só contra? Não dá. Nós estamos fazendo tanta coisa boa no Brasil. O país está crescendo, tem uma vitalidade imensa — disse ele, que no início, ao ser perguntado sobre as manifestações, tinha sido irônico.

— Aqui? Não houve, não vi nenhuma. Se teve, não tem importância. Isso aqui é a democracia, as pessoas manifestando sua vontade — disse, antes de mudar o discurso ao saber a amplitude

dos protestos em todo o país.

Num dia de manifestações, Fernando Henrique apelou para que a população e a iniciativa privada apoiem as ações do Governo:

— Nossos objetivos são nacionais e não estatais. O Governo dá o sinal, mas, sozinho, é impotente para fazer frente aos desafios.

No discurso em Corumbá, Fernando Henrique não deixou de se mostrar como candidato. Prometeu verbas para o prefeito da cidade, Éder Brambila (PSDB), reconstruir o paredão do porto, quando foi muito aplaudido. E

elogiou o Pantanal várias vezes.

Do lado boliviano, em Puerto Quijarro, Fernando Henrique assinou os contratos para a construção do trecho boliviano do gasoduto; no lado brasileiro, os contratos relativos ao trecho em território nacional. Serão 3.150 quilômetros de gasoduto, passando por sete estados e 120 municípios brasileiros. A obra custará US\$ 2 bilhões e ligará a cidade boliviana de Rio Grande a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A conclusão do trecho até Campinas (SP) será em dezembro de 1998 e

do trecho até Porto Alegre em outubro de 1999. O gasoduto vai transportar 30 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural.

O presidente se encontrou com o presidente da Bolívia, Gonzalo Sánchez de Lozada, e com o presidente eleito, general Hugo Banzer. Fernando Henrique também assinou o convênio que garante verbas federais para o Pantanal, liberando R\$ 400 milhões para dar infra-estrutura à região.

Ao falar do Pantanal, o presidente provocou risos ao dizer que os jacarés do Pantanal eram

"quase humanos". Antes dos jacarés, apenas a cadela Orca, de Antônio Rogério Magri, ministro do Governo Collor, tinha conquistado status semelhante.

— Queremos incorporar o Pantanal ao Brasil. É uma natureza tão pródiga... Às vezes parece estranha, mas logo é doméstica. A primeira vez que se vê um jacaré, se tem um susto. Depois, se percebe que o jacaré, me perdoe a expressão, é quase humano. Ou melhor, é mais que humano, porque às vezes é mais dócil que os humanos. Quando se convive com eles, até com as piranhas, das quais tive e tenho tanto medo, a gente aprende a vê-los no seu ambiente como algo que não agride — disse ele.

Uma semana antes dos jacarés e piranhas, felinos e baleias

Na semana passada, o presidente já tinha usado o vocabulário zoológico ao negar, em entrevista à coluna "Panorama Econômico", da colunista Miriam Leitão, do GLOBO, que as crises cambiais em países asiáticos pudessem afetar o Brasil. Disse que o país não corria riscos porque não tinha a intenção de dar saltos de felino, mas se movia com a segurança de uma baleia. Dias antes, ao revogar a MP das viúvas, que proibia a acumulação de pensões e aposentadorias do INSS, se confundira ao usar uma metáfora com animais. Referindo-se ao fato de o Governo ter querido cortar privilégios de uma minoria mas acabar atingindo a maioria das viúvas com pensões pequenas, justificou a decisão:

— Às vezes, você quer dar um tiro para matar um passarinho e acerta um elefante. ■

Gustavo Miranda